

## ROSSELLINI, O HUMANISTA (de Janeiro a Julho de 2016)

No último trimestre de 2009, mostramos três filmes incontornáveis de Roberto Rossellini – **Roma Cidade Aberta**, **Stromboli**, **Viagem em Itália** – integrados na rubrica **Já Não Há Cinéfilos?!** – onde avultavam duas atrizes: Anna Magnani e Ingrid Bergman. Com a reposição histórica de dez obras em sala do cineasta humanista, exibiremos seis filmes ao longo de um semestre, com títulos produzidos ao longo de mais de uma década, onde se destaca uma Europa saída de um conflito devastador e um cineasta em permanente disponibilidade para criar novas formas de narrativa e linguagem.

### **LIBERTAÇÃO** de Roberto Rossellini (Jan.2016)

**Paisà** (Itália, 1946, 120 min) Um dos mais míticos filmes realizados em Itália no período que se seguiu ao fim da guerra. "Paisà" retrata, em seis episódios, a progressão das tropas americanas de libertação, desde o desembarque na Sicília até aos pântanos do vale do Pó. A descrição da realidade imediata, na linha de "Roma Città Aperta", a utilização de não profissionais, o aspecto de documentário da fotografia, tudo faz de "Paisà" uma obra em completa ruptura com o cinema italiano da década anterior.



### **ALEMANHA, ANO ZERO** de Roberto Rossellini (Fev.2016)

**Germania anno Zero** (Alemanha / Itália, 1948, 75 min) O mais pungente e desesperado filme sobre o pós-guerra. A crise económica e moral na Alemanha, através do drama de uma criança sobrevivendo de pequenos tráficos e expedientes, sustentando um pai doente, e que acabará por envenenar por influência de um seu professor nazi.



### **O AMOR** de Roberto Rossellini (Mar.2016)

**L' Amore** (Itália, 1948, 69 min) O filme é composto por dois segmentos. O primeiro, "Una voce umana", é inspirado na obra "La voix humaine" de Cocteau e mostra uma chamada telefónica de uma mulher abandonada pelo seu amante. O segundo segmento, "Il Miracolo", conta a história de uma agricultora, seduzida por um estranho. Quando engravida, a mulher acredita que foi graças ao poder do Espírito Santo.



### **EUROPA '51** de Roberto Rossellini (Abr.2016)

**Europa '51** (Itália, 1952, 113 min) Ingrid Bergman interpreta Irene Girard, uma mulher rica e egocêntrica, habituada a uma vida luxuosa, em Roma. Quando o seu filho morre de forma dramática, Irene decide dedicar o seu tempo e dinheiro aos mais necessitados, de modo a lidar com a culpa e encontrar significado na sua vida. O seu novo propósito de vida leva a problemas conjugais e a questionar a sua sanidade.



### **O MEDO** de Roberto Rossellini (Mai.2016)

**Non credo più all'amore (La paura)** (Itália / Alemanha, 1954, 75 min) "O Medo" representa o filme do fim e da separação. E é, talvez por isso, o mais perturbante de todos, porque se torna transparente que a personagem feminina é "mesmo" Ingrid e a masculina um alter-ego de Rossellini. É também um admirável "exercício" de suspense "à Hitchcock" num filme sobre a manipulação. [Cinemateca Portuguesa]



### **INDIA** de Roberto Rossellini (Jun.2016)

**Índia** (Itália / França, 1959, 95 min) Como não recordar que Langlois e Rossellini estiveram juntos em Portugal em 1973, em memorável sessão? "Índia" é o filme que marca a ruptura de Rossellini com o cinema narrativo, abrindo caminho para os seus trabalhos na televisão. É um filme que procura mostrar "outros modos de vida e de pensamento", perscrutando as castas, raças e religiões que formam o povo indiano.



### **Rossellini x 10**

Luís Miguel Oliveira, Público de 30 de Março de 2015

(...) Há um programa Roberto Rossellini em rotação. Corresponde maioritariamente ao período – grosso modo, 1945-1960 — em que o cineasta italiano realizou os filmes mais célebres e, através deles, firmou um lugar crucial na história do cinema. Do período posterior a este, quando Rossellini passou a trabalhar sobretudo para a televisão, conta-se apenas um representante neste grupo, **A Força e a Razão**, que basicamente é uma entrevista com Salvador Allende filmada em 1971 (mas apenas vista em 1973, já depois da morte do Presidente chileno).

**Roma, Cidade Aberta**, de 1945, não foi o primeiro filme de Rossellini, nem sequer o seu primeiro filme memorável (os muito estimáveis **La Nave Bianca** ou **Un Pilota Ritorna**, rodados durante a guerra), mas foi o filme que o lançou, e que lançou uma nova era: inaugura, pode-se dizê-lo, o cinema do pós-guerra, tanto em termos "éticos" como ou em termos "estéticos". Celeberrima história de sacrifício durante a ocupação nazi, com uma Anna Magnani mais "telúrica" do que nunca a compor a mais poderosa personagem maternal que o cinema já registou, abre também a oficiosa "trilogia da guerra" que Rossellini fez seguir com **Paisá** (1946), um filme em episódios focando diversos aspectos dos últimos meses da II Guerra em território italiano, e esse colossal **Alemanha, Ano Zero**, de 1948, filmado na Berlim arruinada e propondo, tragicamente, através da história de um miúdo influenciado por um tutor nazi, a possibilidade de um novo começo, de um "ano zero", para a Alemanha e para a Europa.

Por esta altura já Ingrid Bergman, em Hollywood, vira **Roma, Cidade Aberta** e ficara assarapantada com a existência de um filme como aquele. Escreveu a Rossellini oferecendo-se para trabalhar com ele. A colaboração – e a vida em comum – começariam no final da década, mas antes disso Rossellini ainda se despediu de Anna Magnani, protagonista de **O Amor**, filme em dois episódios – o primeiro é uma adaptação da **Voz Humana** de Cocteau, o segundo uma sátira religiosa, mas absolutamente dramática, que tem ainda a particularidade de pôr Magnani a contracenar com um futuro cineasta então ainda conhecido apenas pelo seu trabalho de argumentista (por exemplo para Rossellini), de seu nome Federico Fellini. Depois Bergman chegou, para um conjunto de filmes determinante, que forma um núcleo definido na obra de Rossellini (e a única longa com Bergman não incluída nesta operação é a última, **Joana d'Arc na Fogueira**). **Stromboli**, com Bergman perdida numa ilha de pescadores e uma sequência final estupefacente na encosta do vulcão; **Europa 51**, sobre uma "santa" moderna, cuja devoção aos pobres e aos enfermos é visto pelo marido como uma forma de loucura; **Viagem a Itália**, milagroso filme sobre um casamento em crise que não deixa de rimar, autobiograficamente, a relação entre Rossellini e Bergman; e **O Medo**, baseado em Stefan Zweig e o mais germânico de todos os filmes de Rossellini – todos eles se ligam pela preponderância da espiritualidade e da abordagem a universos interiores, psicológicos sem serem necessariamente "psicologizantes", como se o cineasta tivesse pegado em Bergman para lhe retirar o glamour de Hollywood e procurar-lhe a "aura", naquele velho, e mais preciso, sentido do termo.

Dois filmes completam esta mostra. **A Máquina de Matar Pessoas Más**, um dos mais bizarros e mais esquecidos filmes de Rossellini, uma comédia semi-absurda e antimaniquista sobre todas as "sombras de cinzento" entre o Bem e o Mal; e o outro dos seus monumentos, **Índia**, o espantoso filme indiano de Rossellini, "o filme da criação do mundo" como escreveu Godard, onde a ficção se faz documento e o documento se faz ficção, onde a realidade não exclui o imaginário porque o imaginário — cultural, religioso, etc. — integra a realidade, e que é uma obra de uma beleza avassaladora.